

Regina Leite Garcia

Universidade Federal Fluminense

A crise que a todos ameaça – o que tem a nos ensinar

Muito tem aparecido em jornais e televisões, no noticiário sobre a crise que assola o mundo hoje e que se espalha, ameaçando por exemplo, sociedades que atingiram o Bem Estar Social tão invejado, como a União Européia, a expressão *solidariedade*. Trago dois momentos em que fui levada a pensar sobre o uso de solidariedade num espaço que não seria esperado encontrá-la. A primeira situação em que me surpreendeu o uso de *solidariedade* “fora do lugar”, encontrei em O Globo, numa nota sobre o Fórum Nacional, que vem acontecendo anualmente no Rio de Janeiro, e em que o seu organizador, o economista e ex-ministro Reis Velloso afirmava que “*a economia precisa retornar ao ponto de equilíbrio para evitar o despenhadeiro*”. E, ainda segundo Reis Velloso que, inspirado em Edgar Morin, que vaticina que “*o futuro passa pelo Brasil, a quem caberá a liderança de uma nova civilização baseada na solidariedade*”, afirmava que levará o Fórum Nacional a incluir temas como diálogo, tolerância e negociação. Dias depois, vendo um programa na BBC, Dateline, em que a cada semana o âncora do programa provoca a discussão sobre os temas importantes da semana, tendo à mesa quatro jornalistas de diferentes jornais de diferentes países. Naquele dia, o tema principal era A crise na Grécia, que já se espalhava sobre Portugal e Espanha e se avizinhava da Itália. O que me chamou a atenção pelo inusitado foi a insistência do jornalista de Le Monde na palavra solidariedade. Segundo ele, era indispensável retomar a solidariedade que levava os países da Europa a criar o euro, moeda que passou a ser a moeda única dos países da União Européia, A discussão foi acalorada com a discordância da jornalista inglesa, cuja argumentação deixava clara a dificuldade de adesão ao euro e renúncia à libra. Desde então muito tenho pensado na escola de todos os níveis no Brasil, em que na universidade vivemos pressionad@s pela CAPES, pelo CNPq, pelas agências de fomento, enfim, por quem nos avalia, concede bolsas e financiamento para nossas pesquisas, e hierarquiza o reconhecimento profissional, levando antig@s companheir@s a se tornarem competidor@s pelo sucesso e pelos recursos financeiros. Penso também no ensino fundamental, em que desde a educação infantil as crianças são estimuladas a competir, levadas ao individualismo possessivo, educadas na lógica do mercado. Talvez possamos chegar a discutir o mote dos zapatistas de “um mundo onde diferentes mundos possam conviver”, e mesmo a repensar o significado de emancipação e a possibilidade de criação de novas epistemologias libertárias. Este será o ponto de partida de minha participação na Mesa Redonda “Currículo Equidade e Qualidade”.

Rui Trindade

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

trindade@fpce.up.pt

Currículo, equidade e qualidade: entre o pragmatismo curricular e pedagógico e a necessidade de interpeção política das escolas

Vivemos num tempo onde, em nome da competitividade e da gestão mais eficiente das escolas, ao nível dos seus recursos humanos e materiais, dos percursos escolares dos alunos, dos currículos ou dos processos de mediação pedagógica e didáctica, a racionalidade meritocrática, no seio dos sistemas educativos, se afirma como uma inevitabilidade político-educativa.

De uma opção possível, a racionalidade educativa meritocrática ambiciona tornar-se numa decisão inquestionável. Daí a necessidade de se interpelar o dispositivo argumentativo que, no campo da educação escolar, tem vindo a ser construído em torno do triângulo conceptual que a competitividade, a eficiência e a qualidade permitem configurar. Um exercício que poderá ser realizado através de duas vias paradoxalmente complementares: a dos discursos dos alunos bem sucedidos e, igualmente, a dos discursos dos alunos que se encontram a realizar percursos curriculares alternativos ao das vias escolares ordinárias. Será a partir da leitura e análise das conclusões de algumas teses de mestrado que se debruçaram sobre os domínios referidos que

se pretende concretizar tal exercício, em função do qual se reflecte sobre o modo como a relação simbiótica que se criou entre eficiência e competitividade tem vindo a contribuir para que a reivindicação de ofertas educativas de qualidade afecte, hoje, o significado que, nos contextos escolares, se atribui à equidade como princípio estruturante das escolas inseridas em sociedades ditas democráticas.

3. Currículo e Culturas

Jorge Adelino Costa

Universidade de Aveiro

jacosta@dce.ua.pt

Currículo e culturas: um olhar sobre os interesses de investigação dos congressistas

O IX Colóquio sobre Questões Curriculares / V Colóquio Luso-Brasileiro definiu como tema central “**Debater o Currículo e seus Campos – Políticas, Fundamentos e Práticas**”. Segundo a organização, trata-se de um “reencontro onde investigadores de Portugal e do Brasil, relacionados com a área dos Estudos Curriculares, voltam a ter oportunidade de aprofundar o espaço de partilha, de intercâmbio e de interpeção que os seus projectos de investigação, de intervenção e de reflexão justificam. Um reencontro, também, com problemáticas que obrigam a prosseguir os debates em torno do mandato educativo das escolas nas sociedades contemporâneas, o qual nos obriga a enfrentar, ainda, quer as questões da (des)igualdade, da diferença e da inclusão escolar, quer as questões que têm a ver com a articulação entre a educação escolar, aos mais diversos níveis, e o desenvolvimento económico, cultural e tecnológico das sociedades em que vivemos”. Para a operacionalização destes objectivos – de que se destaca (tendo em conta o enfoque colocado nesta intervenção) a intenção de debater o currículo e os seus campos, bem como o desejo de partilha e de interpeção dos vários projectos de investigação – foram definidas 10 áreas temáticas, entre as quais, a de “Currículo e culturas”, no âmbito das quais são apresentadas *comunicações* e ocorrem *mesas temáticas*. É neste último estatuto, ou seja, enquanto participante da mesa temática “Currículo e culturas”, que esta intervenção ocorre e onde se procura, a partir de uma análise dos resumos das comunicações apresentados ao Congresso neste domínio (a que o autor teve acesso enquanto membro da respectiva comissão científica), proceder a uma leitura dos interesses de investigação em presença.

As “culturas”, mesmo que situadas no campo dos estudos curriculares, podem ser analisadas quer segundo diversos ângulos teórico-conceptuais (políticos, sociológicos, antropológicos, históricos, organizacionais, pedagógicos, ...), quer em função de diferentes objectos específicos de estudo (culturas sociais, grupais, étnicas, escolares, organizacionais, docentes, de desenvolvimento individual, ...), quer ainda de acordo com variadas opções metodológicas sustentadoras dos processos de investigação (quantitativas, qualitativas, estudos de caso, investigação-acção, ...).

A diversidade de orientações e de assuntos presentes nas várias dezenas de comunicações propostas para o tema “Currículo e culturas” levou-nos a dirigir o “olhar” para os interesses de investigação aqui patentes, enquanto contributo para “prosseguir os debates em torno do mandato educativo das escolas nas sociedades contemporâneas”.